

## A GUERRA DO SR. SYLVIO BACK

Hélio Damante

Uma leitura marxista da Guerra do Paraguai — logo hoje que o marxismo está ficando superado — seria cômica se não fosse trágica. A raiz da questão reside, exclusivamente, nos sonhos de poder do ditador de um pequeno país mediterrâneo da América do Sul, que se apoiou na disciplina jesuítica, no patriotismo e na bravura indômita do povo guarani. Esse ditador chamava-se Solano Lopez e é herói nacional do Paraguai — respeitemo-lo — mas não esqueçamos que pretendia, como outros, antes e depois dele, a Coroa (sic) do Rio da Prata. Para fazê-lo armou um exército de cem mil homens, tornou quase inexpugnável seu território e invadiu (duas vezes) o território brasileiro, com a ajuda de oficiais e técnicos estrangeiros, especialmente norte-americanos, que pagou regamente.

Isso custou-nos cinco anos de lutas que sustentamos praticamente sozinhos, sendo nossos aliados, meramente simbólicos, o Uruguai e a Argentina. Ao contrário da marinha, o exército imperial estava inteiramente despreparado e seus claros foram preenchidos por Voluntários da Pátria, de todas as condições sociais, negros, brancos, mulatos e índios. Um deles foi o Conde d'Eu, que levou a campanha ao desfecho, embora a população masculina paraguaia estivesse de fato dizimada, mesmo porque Lopez, como Hitler, *mutatis mutandis*, não permitia que os vencidos, nem os prisioneiros, sobrevivessem.

Ora, bem. Sou neto, pelo lado materno, de um voluntário da Pátria, Antônio Rodrigues Moreira, que fez os cinco anos da Guerra do Paraguai, e não “do Brasil” (que foi o país agredido) e que apenas recebeu seu soldo de soldado raso, embora várias vezes ferido. Não posso admitir que o Sr. Sylvio Back, com seu possível gênio de cineasta, faça um filme, ora em exibição (“Guerra do Brasil”), que além de outras falhas de uma leitura “engagé”, procure atingir os Voluntários da Pátria da Guerra do Paraguai. Apoiado no “historiador” Júlio Chiavenatto, falta-lhe autoridade para defender a tese de que os Voluntários da Pátria “não foram assim tão voluntários, pois a maioria era constituída de negros escravos mandados pelos seus senhores”. Ou, então, segundo seus porta-vozes, “não deixa dúvida quanto aos erros do almirante Barroso durante a Batalha do Riachuelo”. Mas, como, se Barroso venceu a batalha, apesar de os bravos para-

guaios haverem artilhado as margens do Paraná e não evidentemente para dar as salvas de estilo a uma esquadra visitante?

Sylvio Back pode ser um bom cineasta, mas é um mau marxista. Do contrário saberia que não se armam escravos — se armados eles se voltariam legitimamente contra os seus senhores à busca da liberdade (exemplo: Zumbi) — e que as condições econômicas do Império não permitiam o desvio da mão-de-obra agrícola para a guerra. Os negros que combateram no exército e marinha brasileiros, como o bravo marujo Marcílio Dias, o fizeram, sem exceções, como homens livres. Realmente, a Guerra do Paraguai, ou melhor do Brasil contra Lopes, foi apenas e mais uma vez a luta de homens livres contra um tirano audaz.